TEKTIME

O meu primeiro ARISTÓTELES

Vida, Pensamento e Obras do Pai da Metafísica

ENRICO VALENTE

Incontri Filosofici

Enrico Valente

O MEU PRIMEIRO
ARISTÓTELES

Vida, pensamento e obras do pai da Metafísica

©2022 - Enrico Valente

Tradução de Adérito Francisco Huó

Coleção encontros filosóficos

Índice

INTRODUÇÃO
1. A VIDA
2. CLASSIFICAÇÃO DAS OBRAS
3. O QUADRO DAS CIÊNCIAS
4. A METAFÍSICA
5. A LÓGICA
6. A FÍSICA
7. PSICOLOGIA E GNOSIOLOGIA
8. A ÉTICA
9. A POLÍTICA
10. A POÉTICA
11. ARISTÓTELES NA HISTÓRIA

1. A VIDA

Aristóteles nasceu em 384 a.C. em Estagira na Macedónia e quando na tenra idade ficou órfão teve que transferir-se para Asia Menor, em casa de Prosseno que lhe fez como tutor. Em 367 a.C. aos 17 anos foi este mandado para Atenas para estudar na Academia fundada por Platão. No período que coincidiu com a sua chegada à Academia, Platão encontrava-se em Siracusa há um ano, onde, segundo as intenções (que se revelaram um total fracasso) teria ajudado Dionísio I a governar mediante as ideias da sua filosofia. Durante estes anos, segundo a escrituração didática da Academia, Aristóteles aproximou-se ao estudo da matemática, para passar três anos depois daquele da dialética. Quando em 347 a.C. Platão morreu, à direção da Academia foi chamado Espeusipo, sobrinho do grande filósofo Ateniense, Aristóteles, depois de ter criticado a tal escolha (devido muito mais a motivos económicos que ao mérito) e ter constatado que a linha filosófica da escola já não lhe pertencia mais, decidiu deixar a escola. Em 344 a.C. vai para Mitilene na ilha de Lesbo onde funda uma outra escola com a inspiração platónica. Ali ensinou até 342, ano em que é chamado em Péla, na Macedónia, junto do rei Filipe II que resolveu confiar-lhe a educação do filho Alexandre, futuro Alexandre o Grande. Um cargo que durou cerca de três anos porque foi interrompido pela necessidade da parte deste último para participar às expedições militares do pai Filipe. Embora não conhecemos a fundo os conteúdos e os métodos educativos do mestre conjetura-se que as lições se centrassem nos elementos da cultura grega. Em todo o caso é provável que Aristóteles soube inculcar-lhe o ideal da superioridade da cultura helénica e da sua universal capacidade de expansão e domínio.

Nos últimos anos da sua vida transferiu-se para Atenas onde sob domínio do partido filo-macedónico foi acolhido com simpatia. Foi precisamente naquele período que Aristóteles fundou uma escola, o

Liceu, desta forma apelidada porque a sua sede encontrava-se entre as alamedas em volta do templo de Apolo Liceu; e pois que os ensinamentos eram tidos passeando naquela parte do jardim com uma colunata coberta, os filósofos aristotélicos foram também chamados peripatéticos (do grego Περίπατος, «o passeio»; do περιπατέω «passear», composto por περι «em volta» e πατέω «caminhar»). Muito cedo o Liceu tornou-se mais famoso da Academia: é no seu interior que ganhou forma a enciclopédia do saber, articulada em ciências teóricas, praticas e poiética "atividade criativa do homem" (do verbo grego poièin, "fazer"), finalizada respetivamente ao conhecimento, à ação e à produção.

No que diz respeito à gestão da escola possuímos notícias vagas; seja como for sabemos por certo que tinha caracter democrático sendo que os alunos (Aristóteles os mantinha a este género de instrução) eram chamados por dez dias para dirigi-la na primeira pessoa. Sabemos ainda mais que as refeições eram consumidas em comum e todos os meses organizava-se um simpósio filosófico conduzido pela sabedoria do mestre. Se de manhã desenrolassem as lições, de tarde e de noite eram feitas, sempre por Aristóteles, algumas conferências abertas ao público nas quais discutia-se principalmente de política e de retorica. À morte de Alexandre o Grande em 323 a.C., passados treze anos da sua chegada, em Atenas começaram a manifestar-se fortes repulsões antimacedónicos que obrigaram Aristóteles, visto com hostilidade e acusado de blasfémia, a abandonar a cidade de Atenas para refugiar-se com a família em Cálcis na Eubeia, a cidade materna, onde morreu, ano depois talvés por uma doença no estomago.

A atividade de pesquisa realizada por Aristóteles foi realmente prodigiosa. Graças ao seu génio pôde dedicar-se de forma aprofundada às matérias entre as quais dissemelhantes: metafisica, física, biologia, psicologia, ética, politica, retórica e lógica, deixando em cada um destes campos uma marca indelével. À esta imensa quantidade de pesquisas e de dados Aristóteles conseguiu dar uma qualidade sistemática suficiente para chegar a criar uma verdadeira

enciclopédia do saber que dominou a cultura ocidental ate ao seculo XVII.

2. CLASSIFICAÇÃO DAS OBRAS

Os escritos aristotélicos são usualmente distintos dos escritos acroamáticos (ditos também esotéricos) e escritos exotéricos. Os primeiros são obras do tipo escolar, portanto compostos como auxílio para o ensinamento e têm a forma de apontamentos para as suas lições. Pertencem pelo contrário aos escritos exotéricos as composições, elaboradas em forma dialogal, dirigidas ao público. É nelas que Aristóteles trata de maneira aprofundada (servindo-se como já foi feito por Platão de mitos) as suas teorias. Destes últimos escritos infelizmente não ficaram que poucos fragmentos, mesmo de grande valor.

Se nos escritos escolares o pensamento do filósofo aparece perfeitamente realizado, parecem efetivamente para excluir reflexões ou duvidas a propósito como conteúdo, nos diálogos, ao contrário (sujeitos a revisões e reconsiderações também evidentes) pode-se dar conta da não plenitude de tais obras.

Os fragmentos que sobraram, de facto, mostram um Aristóteles que inicialmente aproxima-se às teorias de Platão para depois afastar-se do mestre quando resolve dedicar-se principalmente aos problemas científicos.

ESCRITOS EXOTÉRICOS (destinados ao público)

São os diálogos nos quais Aristóteles retoma novamente a forma constituinte do mestre, os assuntos e por vezes também os nomes das obras. Como Platão, na verdade escreveu um *Banquete*, um *Político*, um *Sofista*, e outras obras com nomes diferentes mas substancialmente do mesmo assunto, como o *Grilo* ou *Da retorica* que correspondia ao *Gorja*, o *Protréptico* análogo ao *Eutidemo* e o *Eudemo* ou Da alma que correspondia ao Fédon.

Dentre estes, desperta particular interesse pela sua exortação à filosofia, o *Protréptico*. Nele é contida a celebérrima frase: “ou deve-se filosofar ou não se deve: mas para decidir em não filosofar será

sempre filosofar: logo em todo o caso filosofar é necessário". Se aqui o filosofar é ainda entendido no significado platónico, como destaque do mundo sensível pela contemplação das ideias eternas será apenas com o diálogo *Sobre a Filosofia* que o distanciamento de Aristóteles de Platão ganha a dianteira. Nele é de facto contida uma primeira crítica ao pensamento do mestre: "Se as ideias são uma outra espécie de números, diferente daquela matemática, nós não podemos ter entendimento, Quem na verdade, pelo menos a maior parte de nós, pode entender o que seja um número da espécie diferente?" Não obstante as criticas contidas no segundo livro do diálogo, temos, pelo contrário, uma aproximação ao Platão no terceiro livro. Nele a divindade é vista, na verdade como no mestre, tal motor imóvel que move o mundo tal causa final, incutindo nas coisas um desejo da perfeição. Em qualquer âmbito, sustenta Aristóteles, existem vários níveis de perfeição das coisas. Isto implica que não poderia faltar uma entidade absolutamente perfeita e incorruptível, e esta poderia ser Deus. Em reforço da sua existência Aristóteles adequa a interpretação do mito platónico da caverna. Se os homens tivessem sempre habitado o subsolo, em esplendidos abrigos enfeitados de tudo e nunca tivessem saído à superfície pudessem a um certo ponto contemplar a beleza e a perfeição do mundo real, tornar-se-iam em seguida indubitáveis da existência de um Deus artífice da tal magnificência.

OBRAS ACROAMÁTICAS

As obras acroamáticas, destinadas ao ensinamento, representam o *corpus* aristotélico mais importante para nós chegados. Embora não implicam nenhum caracter secreto, são destinadas a um círculo restrito de principiantes, ou melhor aos seus discípulos. Elas apresentam quase sempre uma linguagem científica baseada no rigor e na exatidão da terminologia. O estilo usado é mais problemático, acima de tudo pelo uso do léxico científico, pela rapidez da enunciação dos pensamentos e pelo uso frequente da técnica do anacoluto.

Pertencem a esta categoria das obras os escritos da Lógica, da Metafísica, da Física, da história natural, matemática e psicologia, da ética, política, poética e retórica.

3. O QUADRO DAS CIÊNCIAS

Aristóteles é um classificador e distingue as ciências em três grupos: as ciências teoréticas, aquelas práticas e aquelas poiéticas "atividades da criação do homem". Fazem parte do primeiro grupo a metafísica, a física e a matemática. Trata-se de ciências que têm por objeto o *necessário,* isto é como não pode ser diferente daquilo que é, como método o método *demonstrativo* (que consiste na demonstração de uma tese partindo de uma hipótese) e têm como fim o *conhecimento desinteressado da realidade*. No segundo e no terceiro grupo encontramos, respetivamente, a ética e a política, que perscrutam a práxis e a orientação do agir individual e coletivo, as artes e as técnicas, que perscrutam o âmbito da produção de obras ou a manipulação dos objetos. As características comuns destas duas categorias da ciência é que têm como objeto o *possível*, ou seja o que pode ser diferente daquilo que é, e como método um *método não demonstrativo*.

CIÊNCIAS	TIPOS	OBJETO DE ESTUDO	MÉTODO	OBJETIVO
TEORÉTICAS	Metafísica Física Matemática	O necessário	Dimonstrativo	O conhecimento desinteressado da realidade
PRÁTICAS	Ética Política	O possível	Non dimonstrativo	A orientação do agir
POIÉTICAS	Artes Técniche	O possível	Não dimonstrativo	A produção de obras ou a manipulação de objetos

4. A METAFÍSICA

O CONCEITO

Com o termo “metafísica”entende-se na generalidade toda doutrina filosófica que procura dar uma explicação às causas básicas e fundamentais da realidade sem refrear-se às aparências imediatas dos sentimentos e de qualquer dado da experiência sensível, perscrutando mais que bastante as estruturas profundas e os seus aspectos mais autênticos.

O termo “metafísica” não foi introduzido por Aristóteles, mas parece que remonta do Andrônico de Rodes que quando no primeiro século d.C, ordenou as obras de Aristóteles e colocou as obras da filosofia básica “metà tà fusikà”isto é depois dos livros de física. Será a posteridade a escolher o nome “metafísica”, provavelmente mais expressiva, para indicar o que Aristóteles chamava “filosofia básica”.

Estão bem patentes nas suas obras quatro definições da metafísica a) a metafísica “estuda as causas e os princípios básicos”; b) a metafísica “estuda o ser na qualidade de ser”; c) a metafísica “estuda a substância”; d) a metafísica “estuda Deus e a substância firme”. Destes quatro significados aquele sobre o qual Aristóteles mais se concentrou é o segundo: a metafísica “estuda o ser na qualidade de ser”.

Mas o que significa “estuda o ser na qualidade de ser”? A resposta é que a metafísica não tem como objeto de estudo um particular aspeto ou ramo da realidade, mas a realidade em geral, em outras palavras o que é fundamental e comum para toda a realidade. Se, efetivamente, as ciências estudam particulares formas ou dimensões específicas do ser (por exemplo a matemática volve-se ao ser como quantidade, a física ao ser como movimento, a química, ao ser como propriedade) a metafísica estuda o ser como tal, por aquilo que é em tudo e para tudo. Este é o motivo pelo qual Aristóteles atribui à metafísica o nome de “filosofia básica” e às

outras ciências o nome de “filosofias secundárias”. A metafísica eleva-se para o filósofo como pressuposto fundamental de toda ciência sendo a base de partida de toda possível pesquisa.

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: http://www.ebooks2go.com